

**FON-FON! – UM REGISTRO DA VIDA MUNDANA NO RIO DE JANEIRO DA  
BELLE ÉPOQUE**

**Maria Cecília ZANON**

**Resumo:** A revista *Fon-Fon!*, periódico que circulou na primeira metade do século XX, é um importante documento no que concerne ao registro da vida socio-cultural do Brasil durante a *Belle Époque*. A opção por esse semanário deve-se à considerável inserção de estrangeirismos franceses nas suas colunas que, por meio de um equilíbrio razoável entre literatura, mundanismo e atualidades, desvelava o caráter francófilo e francófono da sociedade carioca. Nesse sentido, esse estudo visa mostrar, do ponto de vista lingüístico, a importância que esse periódico ocupa na representação do português brasileiro nas primeiras décadas daquele século, por meio do emprego de unidades lexicais francesas em seus artigos, revelando, assim, a significativa influência da cultura francesa no Brasil.

**Palavras-chave:** Revista *Fon-Fon!*, empréstimos lingüísticos, história.

**Abstract:** The magazine *Fon-Fon!*, periodical published at the first fifty years of the twentieth century, is an important document concerning the Brazilian social-cultural life during the *Belle Époque*. The choice of this magazine is due to the remarkable insertion of French words or French expressions in its articles which disclosed the carioca society francophile and francophone character. In such case, this work seek to show, in a linguistic approach, the importance that this magazine have at the representation of the Brazilian portuguese during the first decades of the twentieth century, by the utilization of french words in its articles, revealing the considerable influence of the French culture in Brazil.

**Keywords:** Revista *Fon-Fon!*, loanwords, history

**As referências francesas na *Belle Époque* brasileira**

A França sempre exerceu um grande fascínio no Brasil, mas nunca, como na *Belle Époque*, ela deixou tantos vestígios de sua influência.

O processo de formação da nação brasileira é todo imiscuído do cosmopolitismo francês, fato que se explica pela posição que a França conquistara de importante potência e pela admiração que causava seu passado histórico glorioso.

A influência da França, na virada do século XIX, pode ser observada em vários segmentos da nossa história, que vão desde a reforma urbana do Rio de Janeiro, empreendida por Pereira Passos, entre 1903 e 1906, inspirado na reforma de Paris, até o

“afrancesamento” da elite carioca, que não hesitava em adotar, ou mesmo em copiar práticas sociais das cortes européias.

Sabe-se que “o gosto do leitor era francófilo”, “a educação da elite era literária e francesa” e ainda que, “em 1900, a elite já incorporava ao cotidiano o uso do francês e a familiaridade com a cultura francesa. Muitas mulheres da elite liam a literatura francesa; muitos homens da elite também o faziam. Na verdade, vários literatos escreviam e alguns até pensavam naquela língua” (p. 230)<sup>1</sup>.

Esse estudo, portanto, reflete as indagações a respeito da presença desses inúmeros vestígios da cultura da França no Brasil e, mais particularmente, da significativa quantidade de unidades lexicais francesas, inseridas em publicações de língua portuguesa.

Assim, este trabalho, de caráter lexicológico, procurou analisar o comportamento dessas unidades lexicais importadas empregadas em português, bem como verificar a efetiva adoção dos empréstimos lingüísticos e conhecer os efeitos da reação purista frente à inevitável invasão daqueles barbarismos indesejáveis.

No que concerne ao *corpus*, a escolha da revista *Fon-Fon!* deve-se ao fato de que o início de sua publicação coincide com a conclusão da reforma da cidade do Rio de Janeiro, inspirada na reforma executada, em Paris, pelo então prefeito barão de Haussmann, e com a penetração e o consumo dos produtos da França, e com eles, a língua desse país. Esse periódico foi escolhido por tratar dos acontecimentos do “Rio parisiense”, do “Rio civilizado de Figueiredo Pimentel”. (p. 6)<sup>2</sup>

Mas a opção pela *Fon-Fon!* deve-se, sobretudo, à considerável inserção de estrangeirismos franceses nas colunas desse semanário que, por meio de um equilíbrio razoável entre literatura, mundanismo e atualidades, desvelava o caráter francófilo e francófono da sociedade carioca.

### ***Fon-Fon!* – Um registro da vida mundana na *Belle Époque***

A Revista *Fon-Fon!*, publicação da qual extraímos o *corpus* de nossa pesquisa, surgiu numa fase de grande mudança na imprensa brasileira, quando, nos fins do século XIX, a imprensa artesanal foi substituída pela industrial. A imprensa brasileira aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa<sup>3</sup>.

A *Fon-Fon!* circulou de 13 de abril de 1907 a 28 de dezembro de 1945 e era um “semanário alegre, político, crítico e esfusante”, conforme a “auto-descrição” que figurava na primeira página de seu primeiro número.

Ao longo do século XIX, as revistas ilustradas tornaram-se moda e sobretudo ditaram moda e a *Fon-Fon!*, uma das melhores publicações ilustradas do país, seguia o modelo dos periódicos europeus.

A revista encarregava-se de oferecer, em primeira mão, as últimas novidades de Paris, o maior centro de elegância do mundo, em matéria de modas femininas e infantis, segundo informa-nos Broca<sup>4</sup>, além de proporcionar boa literatura e excelentes *charges* políticas e sociais, na representação dos pequenos-burgueses, dos cavalheiros de fraque, das damas elegantes e pomposas, e de todo tipo de rapaz saturado de pretensão e de esnobismo<sup>5</sup>.

Assim, da maneira leve, irônica, cômica ou lírica das crônicas, a *Fon-Fon!*, fazendo o registro da vida mundana carioca, das notas sociais, da euforia da *Belle Époque* no Rio, contribuiu para documentar esse período tão instigante da história do Brasil.

### **Os neologismos por empréstimo da revista *Fon-Fon!***

Conforme já mencionamos, esta pesquisa almeja mostrar como o vocabulário empregado nas crônicas da Revista *Fon-Fon!* reflete o clima de euforia da elite carioca francófila e francófona e seu comportamento diante das evoluções ocasionadas pelas mudanças políticas, econômicas, sociais, urbanísticas e culturais, revelando, também, o entusiasmo dos intelectuais brasileiros pelos modelos europeus de civilização que intentavam implantar em nosso território.

O levantamento das lexias francesas, ou de origem francesa, no periódico carioca, revelou-nos um grande número de ocorrências que comprovam a considerável admiração que provocava a cultura francesa entre os grupos privilegiados da sociedade brasileira.

A ampliação do léxico de uma língua, a partir da neologia por empréstimo, dá-se pela introdução e adoção de uma unidade lexical alógena. Essa introdução tem início quando se importam coisas ou conceitos designados pela primeira vez em uma língua estrangeira e, de acordo com Guilbert<sup>6</sup>, ela ocorre quando a comunidade lingüística acolhe ao mesmo tempo os referentes e a unidade lexical que os designa.

O intercâmbio entre as línguas e as culturas francesa e brasileira resultou do contato entre elas, mas, principalmente, do arrebatamento manifestado pelo brasileiro face ao prestígio da cultura francesa, da necessidade de alargamento do universo de conhecimento de seus falantes e de sua integração na modernidade da virada do século XX.

Foram inventariadas, nesta pesquisa, seiscentas e sessenta e três unidades lexicais francesas ou de origem francesa, num *corpus* constituído pelos setenta e três primeiros números do periódico, que circularam entre 1907 e 1908.

Estas importações sustentam conotações estilísticas, não são referenciais, pois tais conceitos foram incorporados para designar objetos já denominados na língua vernácula.

Podemos considerar, assim, que a adoção das unidades lexicais emprestadas em sua forma estrangeira é consciente, visto que essas unidades são portadoras do prestígio de que

gozava a sociedade da qual procediam, a França, nação que exhibia ao mundo seu poder político e sua sedutora cultura, tão cultuados pela elite brasileira.

Dentre os neologismos por empréstimo, os estrangeirismos são os que predominam entre as unidades lexicais inventariadas; eles formam um total de quinhentas e setenta e sete unidades, representando, assim, 84,46% do total dos empréstimos recolhidos no periódico carioca. Esses estrangeirismos que figuram no *corpus* de nossa pesquisa permanecem efetivamente sob forma francesa, pois são empregados para atestar o caráter estrangeiro de seu contexto, conforme postula Guilbert<sup>7</sup>.

Eles revelam as incorporações lexicais de natureza social, literária, artística e cultural e refletem a inegável influência que a sociedade francesa exercia sobre a elite brasileira, como atestam as unidades *charbon*, *tailleur*, *gris perle*, *demi-monde*, *grand-monde*, *terrace* e *truffé*.

**charbon / tailleur**

Um delicioso vestido <*tailleur*> *modern style* casaco branco *neige* e saia preta... <*charbon*>. (Oculo de Alcance)<sup>8</sup>

**gris-perle**

No dia seguinte o Chichorro, de sobrecasaca e encartolado, luvas <*gris-perle*>, depois de dominar a sua emoção, embarafistava pela loja de ferragens do futuro sogro. (O Chichorro e o Pimenta)<sup>9</sup>

**demi-monde / grand-monde / terrasse**

O Rio civiliza-se! eis a exclamação que irrompe de todos os peitos cariocas. Temos a Avenida Central, a Avenida Beira Mar (os nossos Campos Elyseos) estatuas em toda a parte, cafés e confeitarias com <*terrasses*>, o *Corso* das quartas-feiras, um assassinato por dia, um escandalo por semana, cartomantes, mediuns, automoveis, autobus, auto... res dramaticos, <*grand-monde*>, <*demi-monde*>, enfim todos os apetrechos das grandes capitaes. (O Chat Noir)<sup>10</sup>

**truffé**

Ha poucos mezes fui jantar em casa da Viscondessa de Matto Florido. Serviram uma galinha <*truffée*>. (Um Homem Polido)<sup>11</sup>

Entre os estrangeirismos inventariados, a Revista *Fon-Fon!* forneceu-nos alguns provérbios em língua francesa. Essas expressões, consideradas lexias complexas (p. 26-7)<sup>12</sup>, possibilitam avaliar o grau de penetração da língua francesa, ou bem o de sua expressão e compreensão entre os falantes da língua portuguesa, de uma classe social abastada, durante a Belle Époque.

Assim, o emprego dessas lexias emprestadas do francês funcionava como um código e um elo entre os membros do grupo social que cultuava a língua e a cultura francesas, bem como contribuía para revelar a intenção de identificação desse grupo com os franceses. Temos, por exemplo, os provérbios: *tout est bien qui finit bien* e *tout le monde et son père*:

**tout est bien qui finit bien**

Serenados os animos, convencidos que iam commetter um gravissimo erro, fizeram as pazes e... <tout est bien qui finit bien>! (Notas nocturnas)<sup>13</sup>

**tout le monde et son père**

(...) não posso acreditar que o Prefeito ache um meio nesse negocio de bonde de a um tempo a <tout le monde et son père> contentar. (A Unificação – Possibilidades)<sup>14</sup>

Além dos estrangeirismos, encontramos também neologismos por empréstimo que ainda conservam suas formas originais mas que já estão dicionarizados, já incorporados ao acervo lexical da língua portuguesa. Das seiscentas e sessenta e três unidades lexicais contextualizadas, dezessete (2,56%) constituem empréstimos lexicais puros, ou seja, não estão adaptados ortograficamente nem sofreram outras acomodações ao nosso sistema lingüístico. Esses empréstimos recolhidos na *Fon-Fon!*, tais como *avalanche*, *biscuit*, *étagère*, *fauteuil* e *vis-à-vis*, estão registrados no *Diccionario Contemporaneo da lingua portugueza*, de Francisco Júlio Caldas Aulete (1881)<sup>15</sup>.

**avalanche**

Já não é uma série de celebridades, é uma <avalanche> que vai abater-se sobre o rico cobre dos fluminenses. (*Fon-Fon Theatral*)<sup>16</sup>

**biscuit / étagère**

Miuda, miudinha, mimosa, fragil, delicada, uma figurinha de <biscuit>, digna de uma luxuosa <étagère> envidrada e de pelucia forrada. (Esbocetos)<sup>17</sup>

**fauteuil**

Os novos <fauteuils> do *Palace-Théâtre* conquistaram os suffragios do sexo masculino. (Notas Nocturnas)<sup>18</sup>

**vis-à-vis**

(...) lançando perdigotos no rosto do <vis-à-vis>. (Pulgas e Credores)<sup>19</sup>

Enquanto o estrangeirismo e o empréstimo puro são sentidos ainda como elementos estranhos ao vernáculo de uma língua, as unidades lexicais que passaram por adaptações ajustam-se aos moldes do sistema importador, não sendo, em geral, identificadas como estrangeiras. Dessa forma, a integração da unidade lexical está definitivamente concluída, pois se desenvolve a partir de uma unidade, tomada como base, um conjunto de neologismos derivados, formados por afixos e desinências da língua receptora.

Algumas das unidades lexicais que compõem o nosso *corpus* e que se ajustaram no nível morfológico, fonológico ou ortográfico revelam essa assimilação. São cinquenta e oito

(8,73%) as unidades recolhidas que apresentam adaptações, tais como *café* (fr. *café*), *charrete* (fr. *charrette*), *chiquíssimo* (fr. *chic*), *coquetismo* (fr. *coquet*), *gabinete* (*cabinet*), *galante* (*galant*), *resedá* (*réséda*) e *visavisar* (fr. *vis-à-vis*).

**café**

A vida nocturna duplicou, triplicou. As *terrasses* dos <*cafés*> regorgitavam, surgiram os cinematographos e a onda de apreciadores, o Rio scintillava, a Avenida Central ia tomando as apparencias de um *boulevard* parisiense, cheio de lus e de gente. (Retrocesso!)<sup>20</sup>

**charrete**

De quando em quando a fragilidade de uma <charrete>, a elegancia de um *pur-sang*, chamavam a atenção, provocavam o entusiasmo. (Domingo á Tarde)<sup>21</sup>

**chiquíssimo**

Tinhamos o *Corso* da Praia de Botafogo, não bastou para nosso prurido de <chiquissimo>, arranjou-se o do Parque da Acclamação. (As Pillulas)<sup>22</sup>

**coquetismo**

(...) o nosso feminismo encantador, que alli se reunia, num *rendez-vous* delicioso de graça e <coquetismo>. (Turf/Estação 1907)<sup>23</sup>

**gabinete**

(...) quando o chefe veiu á sua mesa, acompanhado do feroz official de <gabinete>. (Amanuenses)<sup>24</sup>

**galante**

E, ao vel-a, aprimoradamente elegante deixando entrever o pé *cambré*, tão mimoso, tão <galante>. (Esboçetos)<sup>25</sup>

**resedá**

Confeccionada nos ateliers da Maison Blanche: em *voile cristaline* <*resedá*> pastel "*Ceinture Josephine*" *légèrément remontée derrière*. (Maison Blanche)<sup>26</sup>

**visavisar**

O Sr. Medeiros e Albuquerque, esteve por Pernambuco, pela Academia, pelo bloquinho, <visavisando> (!) o Sr. Alencar Guimarães do Paraná. (Em Torno de um Banquete)<sup>27</sup>

Outra forma de neologismo por empréstimo inventariado na *Fon-Fon!* é o decalque. Esse fenômeno consiste na versão literal da unidade lexical estrangeira. Nesse processo o falante geralmente não percebe a origem estrangeira do elemento emprestado, visto que este último é constituído de elementos lexicais já existentes no sistema que o adota. O decalque, na verdade, caracteriza-se por introduzir somente o significado.

As unidades lexicais totalmente decalcadas e registradas no *corpus* são nove, ou seja, constituem somente 1,35% das lexias inventariadas, tais quais a unidade *contradança* e o sintagma verbal *estar ao corrente* :

**contradança**

O corpo de baile é o mais disciplinado possível, e contém as melhores bailarinas de... <contradanças>. (Grande Companhia de Bailes e Piruetas)<sup>28</sup>

**estar ao corrente**

Todos <estão ao corrente> dos graves acontecimentos. (A Restauração do Imperio)<sup>29</sup>

Enquanto o decalque é uma variedade de empréstimo que consiste na reprodução de uma estrutura estrangeira com elementos da língua receptora, no qual alguns elementos se combinam para formar uma nova unidade lexical, o empréstimo semântico não produz uma unidade diferente. (p. 62)<sup>30</sup> Ocorre, assim, uma adaptação semântica, em que a unidade lexical recebe um sentido que não tinha na língua importadora. (p.1584)<sup>31</sup>

O *corpus* da pesquisa dá-nos alguns exemplos dessa modalidade de empréstimo, que constituem somente 0,90% do total da coleta, tais como *figurar*, *quadrilha* e *sucesso*.

**figurar**

(...) o cabeçalho de seu *papier à lettres* ostenta uma corôa que <figura> entre as dos barões e a dos marqueses. (Esbocetos)<sup>32</sup>

**quadrilha**

Marcou tres <quadrilhas>, tres soberbas quadrilhas, em que a sua pronuncia franceza causou admiração ás normalistas presentes. *En avant tous!... Tour de quatre!... A gauche!* (Amanuenses)<sup>33</sup>

**sucesso s.m.**

Eu, que até alli fizera – com enorme <sucesso> algumas pilherias e *calembours*. (Um Five o'clock.)<sup>34</sup>

A apreciação das unidades lexicais inventariadas, além dos estrangeirismos, dos empréstimos puros, das formas decalcadas ou adaptadas revelou-nos também unidades lexicais formadas por um elemento português adaptado do francês e um elemento vernáculo ou por um elemento português e um elemento francês. Elas representam 1,96% do total das unidades lexicais coletadas, como as lexias *abrir o chambre*, *branco neige* e *papel de tournesol*.

**abrir o chambre**

- E os filhos da oposição?

Responderam-lhe:

<Abriram o *chambre*>.

E os operários?

Já estão com a farda no lombo. (Sorteio Militar)<sup>35</sup>

**branco neige**

Um delicioso vestido *tailleur modern style* casaco <branco *neige*> e saia preta... *charbon*. (Oculo de Alcance)<sup>36</sup>

**papel de tournesol**

Vimos na sua inseparável malêta, <papel de *tournesol*>, dois massos de cigarros *Similla de Havana*. (Raios X)<sup>37</sup>

O empréstimo lingüístico é um fenômeno que caminha junto com a história da formação de uma língua. No que concerne à língua portuguesa, a presença de empréstimos aloglóticos é atestada desde sua formação. Encontramos nela vestígios da civilização celta, hebraica, fenícia, grega, germânica e árabe, presentes no vocabulário transmitido pelos romanos<sup>38</sup>.

A penetração de influxos lexicais franceses, por exemplo, foi grande durante os séculos XII e XIII, quando foi introduzida a poesia provençal em Portugal. Assim, muitas palavras de procedência provençal permanecem até hoje no vocabulário português. A partir do século XVIII, até o início do século XX, o francês voltou a exercer uma influência cultural muito grande na língua literária, reflexo de seu prestígio sobre a nossa sociedade, principalmente sobre a elite carioca<sup>39</sup>.

Se, por um lado, o influxo dessas formas neológicas importadas enriqueceram o acervo do sistema lingüístico português, durante a *Belle Époque*, denotando assim sua vitalidade e criatividade, por outro, a abundância dessa importação suscitou reações contrárias a tais práticas, despertando mesmo uma atitude reacionária de vernaculistas.

Vários puristas apontaram os barbarismos invasores e impróprios, além de proporem criações em língua vernácula para nomear novos referentes representados pelos empréstimos com a finalidade de substituí-los, em inúmeras obras, entre elas, *Neologismos indispensáveis e barbarismos dispensáveis*, de Domingos de Castro Lopes (1909); *Galicismos*, de Laudelino Freire (1921); *Galicismos léxicos e fraseológicos*, de Leonardo Pinto (1936); *Glossário de incertezas, novidades, curiosidades da língua portuguesa, e também de atrocidades da nossa escrita actual*, de Agostinho de Campos (1938); *Língua e má língua: graças da fala e nódoas na escrita*, de Agostinho de Campos (1945); *Gramática expositiva*, de Carlos Eduardo Pereira (1950) e *Estrangeirismos*, de Cândido de Figueiredo (1956).

A língua francesa, na virada do século XX, era muito conhecida e os galicismos eram amplamente empregados. A própria Revista *Fon-Fon!* publicava uma seção, *Frimousses et Binettes*, assinada por *Chambrenoir* (pseudônimo de um de seus cronistas), que era inteiramente escrita em francês.



(Kodack á l'encre)

**María Lino**

Toute mince, maigrelette, frétilante, allure garçonnière, souriante et croustillante.

Déborde sur la scène, sautille par-ci, par là, se trémousse, gigote, roule les hanches, jette le buste en arrière, se tortille et emballe le public.

Est italienne, mais a accepté la grande naturalisation du... *maxixe*. Pas la *matchiche* à la française, le *maxixe* national, le vrai, l'unique, le frénétique *maxixe* qui vous laisse en compote.

Elle le danse d'une façon épatante, c'est son

cheval de bataille, c'est sa gloire, son triomphe; *linot...* te au joli plumage et au gai bavardage.

**Chico Redondo**

*Du lard, du lard, encore du lard!  
De l'art, de l'art, encore de l'art!*

Baryton et *ba...* ril de graisse, tout de première qualité.

Crâne dégarni d'ornement capillaire; face réjouie, bon enfant, rougeade, couverte de gouttelettes de sueur, qu'il éponge avec un mouchoir *dent-rat* – une large serviette. Des yeux en boules de loto et un nez où il pleut dedans.

Ventre cascadeur, pardon, tombant en cascade sur des alléchants jambonneaux, un dos sur lequel on pourrait établir une foire.

La santé par tous les pores, quelle superbe mine! et quelle *mine* dans son gosier privilégié! Une voix qui est du velours et du tonnerre!

D'un *je m'en fichisme* inouï, marquis évadé des conventions, frusqué comme un pauvre diable quelconque, pas élégant pour un sou, aimant le rigolade, l'indépendance absolue, les mioches et l'art avant tout.

*Chambrenoir.*

**Frimousses et Binettes, Revista Fon-Fon! 25/05/1907**

A imitação do comportamento, a transferência dos valores e a adoção de um vocabulário que reflete o bom gosto, a cultura e a civilidade da sociedade francesa é, portanto, a confirmação da função especular que tinha a França frente às personalidades influentes, cultas e elegantes da sociedade de língua portuguesa, tanto em Portugal, como no Brasil.

A controvérsia a respeito da adoção de unidades lexicais importadas, sobretudo de galicismos, como fator de ampliação lexical na língua portuguesa, conforme já abordamos, questiona a legitimidade e a cidadania desses elementos lexicais alógenos em nosso sistema lingüístico.

O assunto é unanimemente tratado e tem como objetivo – parafraseando os estudiosos – evitar a influência excessiva da língua francesa; não incorporar galicismos defesos à língua para que não venham enxertá-la de vocábulos impuros, que lhe deslustrem o brilho e lhe pervertam a índole; desterrar os galicismos da linguagem, e não dar-lhes guarida; condenar o uso exacerbado de galicismos, contra os quais devemos estar premunidos, pois estes desvirtuam e deturpam o vernáculo; propugnar a pureza do vocabulário, defendendo-o contra a invasão de toda sorte de elementos estrangeiros, muito especialmente dos galicismos, que lhe tiram o sabor nativo, tornam-no um português mestiço, inelegante e obscuro e outras tantas justificativas.

O *corpus* selecionado da Revista *Fon-Fon!* revelou-nos que tal zelo era em parte procedente, visto que, como bem entreviu Lopes<sup>40</sup>, ocorria, no Brasil da virada do século XIX, em uma camada da população, o que chamamos de *code-switching*, fenômeno que descreve a alternância das línguas. Segundo o Autor, os falantes “enxertam sem cerimônias a própria palavra francesa; e considerando *bagatelas e minudencias ridículas o apuro da linguagem*, falam ao mesmo tempo português e francês”.

Tais inserções ocorrem em relação às mais variadas categorias gramaticais, aos mais diversos aspectos morfológicos e, do total de unidades lexicais inventariadas na *Fon-Fon!*, cento e quarenta unidades lexicais do *corpus* encontram-se analisadas em uma ou mais de uma das publicações acima citadas, tais como: *cache-nez* (cujas sugestões de substituição dos puristas são *marcarilha, chale de pescoço, focale* em Lopes<sup>41</sup>, p. 9, Freire<sup>42</sup>, p. 47, Pinto<sup>43</sup>, p. 31, Figueiredo<sup>44</sup>, p. 16); *creche* (*lactario, asylo da infancia, manjedoura, berço, berçario*, em Lopes, p. 153, Freire, p. 60, Pinto, p. 39); *elite* (*escol social, nata social, a fina flor da sociedade, a gemma, a quinta-essencia, os escolhidos, a flor da nobreza*, em Lopes, p. 149, Freire, p. 74, Pinto, p. 48, Figueiredo, p. 26); *flanar* (*passear, divagar, vaguear, andar a flaino*, em Freire, p. 89, Pinto, p. 60); *guichet* (*postigo, recebedoria*, em Freire, p. 96, Pinto, p. 64, Figueiredo, p. 34); *menu* (*cardápio, lista, carta*, em Lopes, p. 32, Freire, p. 109, Pinto, p. 73, Figueiredo, p. 41); *peignoir* (*penteador, roupão, vestido caseiro*, em Lopes, p. 183, Freire, p. 121, Pinto, p. 79); *rendez-vous* (*entrevista, prazo, encontro, reunião, aprazamento, ponto dado, parada, entrefala*, em Lopes, p. 216, Freire, p. 134, Pinto, p. 88, Figueiredo, p. 53); *tourné* (*excursão artística, digressão; volta, giro*, em Pinto, p. 98, Figueiredo, p. 61).

É interessante observar que, dentre as lexias inventariadas, cinqüenta e cinco empregadas na *Fon-Fon!* – e refutadas pelos vernaculistas – estão registradas no *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira<sup>45</sup>, ou no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar<sup>46</sup> ou no *Dicionário de usos do português do Brasil* de Francisco Borba<sup>47</sup> em sua forma de origem. As entradas estão grafadas em alfabeto fonético com a finalidade de registrar-se sua pronúncia, mas também de assinalar que se trata de uma unidade lexical estrangeira. Vê-se, portanto, que tais estrangeirismos foram anexados à língua portuguesa, apesar das contestações dos puristas, e estão incorporados como parte do acervo lexical de nossa língua. Vamos a alguns exemplos: *boudoir, chic, ménage, menu, mignon, mise-en-scène, nuance, peignoir, tête-à-tête, toilette, vaudeville*, etc.

Outro grande número de empréstimos relacionados pelos puristas em seus estudos e que ainda não estavam adaptados aos moldes do português, foram posteriormente incorporados à língua portuguesa, já adaptados ortograficamente ao nosso sistema lingüístico, tais quais *assassinato, ateliê, avenida, bibelô, buquê, camelô, chique, flanar, omelete, robe de chambre, souvenir, trupe*, etc.

Vemos, pois, que a penetração dos vocábulos estrangeiros, apesar do desacordo dos vernaculistas, no que concerne ao emprego e à adoção desses estrangeirismos, deu-se de uma maneira bastante intensa, sobretudo porque esse quadro, observado anteriormente, representa somente uma fração do total das unidades lexicais inventariadas constantes no *corpus* da pesquisa, ou seja, as cento e quarenta unidades lexicais estudadas pelos puristas, relacionadas em nosso trabalho, perfazem 21,11% dos seiscentos e sessenta e três elementos recolhidos da Revista *Fon-Fon!*.

Por outro lado, esse grande influxo ocorrido durante a *Belle Époque* não perdurou senão durante o referido período de fascinação e deslumbramento diante da modernidade conferida pelas inovações da então recente Revolução Científico-Tecnológica.

Enfim, a língua portuguesa continuou a receber influências lingüísticas francesas até o advento do Modernismo, movimento que rompeu com os códigos literários no primeiro vintênio e com as estruturas mentais das velhas gerações e representou um esforço de penetrar mais fundo na realidade brasileira<sup>48</sup>.

Diante do exposto, podemos concluir que o estudo da penetração e do comportamento dos empréstimos lingüísticos no português, coletados na Revista *Fon-Fon!*, durante a *Belle Époque*, permitiu-nos avaliar a importância da cultura e da civilização francesa naquele período de formação, no qual urgia definir-se a cidadania.

O periódico reproduz a linguagem da sociedade da época, atentamente observada pelos colonistas. A alternância das línguas observada nas páginas da *Fon-Fon!* funcionava como um código que estreitava as relações entre as damas e dos cavalheiros da elite. Assim, por meio das frases, expressões, provérbios e *jeux de mots* emprestadas do francês, sinalizava-se, a partir do emprego desses estrangeirismos, a inclusão, ou o desejo de inclusão no círculo dos eleitos – *pour épater les gens* –, assim como a identificação dessa classe à aristocracia francesa. “*Honni soit qui mal y pense!*”.

Apesar desse grande influxo de estrangeirismos ocorrido na *Belle Époque*, esse fenômeno não perdurou senão durante o referido período de fascinação e deslumbramento exercidos pela França sobre o Brasil – até 1920, aproximadamente. A maioria dos estrangeirismos inventariados, cujo emprego traduzia a moda e os hábitos específicos da *Belle Époque*, diluíram-se ao longo dos tempos, não se incorporando ao léxico português, levando-nos a aferir que esses empréstimos lingüísticos são fatos que contribuem para elucidar e mesmo contar a história do Brasil da virada do século ao revelar os comportamentos, as atitudes e as idiosincrasias da elite diante de valores europeus. Esses fatos lingüísticos, documentados na Revista *Fon-Fon!*, são os testemunhos da história e da civilização e atestam a evolução social, cultural e política da nação.

## NOTAS

- 
- <sup>1</sup> NEEDELL, J.D. *Belle Époque tropical – Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- <sup>2</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- <sup>3</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 298.
- <sup>4</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. p. 228
- <sup>5</sup> SOUZA, Cláudio Mello. *Impressões do Brasil*. São Paulo: Práxis Artes Gráficas, 1986. p. 76 - 9.
- <sup>6</sup> GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975. p. 93
- <sup>7</sup> *op. cit.* p. 92
- <sup>8</sup> *Fon-Fon!* n.º 5, 1907
- <sup>9</sup> *Fon-Fon!* n.º 39, 1907
- <sup>10</sup> *Fon-Fon!* n.º 41, 1907
- <sup>11</sup> *Fon-Fon!* n.º 38, 1907
- <sup>12</sup> POTTIER, Bernard, AUDUBERT, Albert, PAIS, Cidmar Teodoro. *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo: DÍEFEL, 1975.
- <sup>13</sup> *Fon-Fon!* n.º 9, 1908
- <sup>14</sup> *Fon-Fon!* n.º 15, 1907
- <sup>15</sup> AULETE, F. J. Caldas. *Diccionario contemporaneo da língua portugueza*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881, 2 vol.
- <sup>16</sup> *Fon-Fon!* n.º 6, 1907
- <sup>17</sup> *Fon-Fon!* n.º 5, 1908
- <sup>18</sup> *Fon-Fon!* n.º 7, 1908
- <sup>19</sup> *Fon-Fon!* n.º 19, 1907
- <sup>20</sup> *Fon-Fon!* n.º 1, 1908
- <sup>21</sup> *Fon-Fon!* n.º 18, 1907
- <sup>22</sup> *Fon-Fon!* n.º 52, 1907
- <sup>23</sup> *Fon-Fon!* n.º 1, 1907
- <sup>24</sup> *Fon-Fon!* n.º 34, 1907
- <sup>25</sup> *Fon-Fon!* n.º 10, 1908
- <sup>26</sup> *Fon-Fon!* n.º 21, 1907
- <sup>27</sup> *Fon-Fon!* n.º 24, 1907
- <sup>28</sup> *Fon-Fon!* n.º 6, 1907
- <sup>29</sup> *op. cit.*
- <sup>30</sup> HUMBLEY, J. Vers une typologie de l'emprunt linguistique. In: *Cahiers de Lexicologie*, 25, Paris: Didier Larousse, 1974, p. 46-70.
- <sup>31</sup> BONNARD, H. *Grand Larousse de la Langue Française* –. Paris. Larousse, 1972, T II. p. 1579 -1590.
- <sup>32</sup> *Fon-Fon!* n.º 6, 1908
- <sup>33</sup> *Fon-Fon!* n.º 34, 1907
- <sup>34</sup> *Fon-Fon!* n.º 2, 1907
- <sup>35</sup> *Fon-Fon!* n.º 33, 1907
- <sup>36</sup> *Fon-Fon!* n.º 5, 1907

---

<sup>37</sup> *Fon-Fon!* n.º 17, 1908

<sup>38</sup> COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1971, p.189-91; MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975, p. 195.

<sup>39</sup> ALVES, Ieda Maria. *Neologismo – Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990, p.6; MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975, p.200.

<sup>40</sup> LOPES, Castro. *Neologismos indispensáveis e barbarismos dispensáveis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909. p. 84.

<sup>41</sup> *op. cit.*

<sup>42</sup> FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, 5 vol.

<sup>43</sup> PINTO, Leonardo. *Galicismos léxicos e fraseológicos*. São Paulo: Imprensa Methodista, 1936.

<sup>44</sup> FIGUEIREDO, Cândido de. *Dicionário da língua portuguesa*. 12 ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1949, 2 vol.

<sup>45</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

<sup>46</sup> HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

<sup>47</sup> BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

<sup>48</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.